

## COR E ENSINO SUPERIOR

TEIXEIRA, MOEMA DE POLI

97ST0421

XXI Encontro Anual da ANPOCS

A pesquisa sobre Cor e Universidade partiu do interesse de compreender melhor o que tem sido visto como um impasse na discussão em torno da ascensão do negro na sociedade brasileira. Na verdade, durante as duas últimas décadas, os diversos trabalhos realizados ao redor do tema demonstraram que, contrário a todas as expectativas que se pudesse ter durante os anos 70 suscitadas pelo trabalho de Florestan Fernandes (1978), os negros brasileiros não encontraram espaço igual ao dos brancos na sociedade de classes. Mesmo entre os brancos pobres, pesquisas foram realizadas mostrando que os negros continuavam a ocupar os piores empregos, a freqüentar as piores escolas, num quadro que, no geral, contribuía para a perpetuação, ou reprodução (cf. Bourdieu: 1992), dos níveis de desigualdade social com base na raça (Oliveira, Porcaro e Araújo Costa : 1985; Hasenbalg: 1979). Alguns trabalhos mostraram, inclusive, que a situação dos negros em relação à situação dos brancos, estaria piorando ao longo dos anos. Ou seja, em muitos casos, as desigualdades entre brancos e negros estariam se acentuando ao longo dos anos, apesar de toda a melhoria entre os negros. A maior parte dessas pesquisas trabalhava com dados "oficiais" das estatísticas do IBGE, informações que constituíam a base para esse tipo de análise que se propunha, basicamente, a "medir" os chamados níveis de desigualdades com base na cor da população. (Porcaro: 1987; Teixeira Pacheco: 1987; Wood e Carvalho: 1994)

Assim, sedimentou-se a crença de que tanto o mercado de trabalho quanto a escola estariam atuando como locus onde um sistema de discriminação racial estaria sendo atualizado no interior da estrutura social, apesar de todo o progresso social e econômico do Brasil dos anos 70, com o desenvolvimento do sistema de classes e a emergência de uma grande classe média, deixando aos negros e seus descendentes pouca margem de acesso aos bons empregos, aos melhores salários e, conseqüentemente, aos melhores níveis de instrução. Os dados particularmente referentes à educação mostravam que os negros repetiam mais as primeiras séries de ensino, evadiam mais da escola que os brancos para ingressar mais cedo no mercado de trabalho, por conseguinte, em condições mais precárias, funcionando o segundo grau como uma barreira quase que intransponível para essa camada da população - onde menos de um por cento dos negros conseguia a façanha de entrar para a universidade. (1)

Dada essa conjuntura, a grande maioria dos trabalhos que se seguiram na área da educação, foram em torno do ensino básico, já que a grande parte dos negros aí ficava retida. Muitas pesquisas foram realizadas para tentar compreender as questões da repetência, da evasão, a relação professor-aluno, o preconceito racial operando em sala de aula e nos textos dos livros didáticos  
(ver em especial as publicações Cadernos de Pesquisa - USP).

Para ajudar a compor esse quadro, procurou-se realizar uma pesquisa que se dedicasse a entender o outro lado, ou seja, o daqueles indivíduos que conseguiram passar pelo funil que caracteriza o sistema de ensino. Se poucos chegam a ultrapassar o limite imposto no segundo grau, tornava-se necessário compreender melhor os mecanismos de como e porquê aqueles e não outros são bem sucedidos na empreitada, sem reproduzir o senso comum, que parece ver o negro que ascende ou como exceção que acaba por confirmar uma regra (a universidade não é mesmo lugar para negros e pobres), ou como alguém que deu sorte ou chegou lá porque é mais inteligente ou porque esforçou-se mais do que a maioria efetivamente o faz.

Neuza Santos Souza (1983) estudou o negro em ascensão social num trabalho bastante pioneiro e muito rico, que enfatizava o perfil mais psicológico ou psicanalítico do negro que ascende. Aparecida Joly Gouveia (1970), também de forma bastante inédita ainda no final dos anos 60, dedicou-se a realizar um estudo dos alunos da USP considerando sua origem étnica. Uma boa demonstração que pode justificar a escassez de pesquisas nessa área foi a dificuldade que tive para abordar a questão dentro da universidade: não existia

nenhum dado disponível em cadastro que contivesse a informação de cor, raça ou etnia de alunos ou docentes. Todos os dados tiveram que ser construídos da maneira como foi possível.

Assim sendo, numa perspectiva que tem sido a marca, digamos assim, dos trabalhos que tenho procurado desenvolver acerca da situação dos negros na sociedade brasileira, (Teixeira Pacheco :1983; 1986; 1988) procuro articular dados mais gerais, próximos de um perfil estatístico para o conjunto do universo pesquisado que possam auxiliar uma análise antropológica com base em estudos de caso. Dessa forma é que a Universidade Federal Fluminense foi escolhida como campo de trabalho.

## Objetivo

Dentro do contexto em que têm se desenvolvido os estudos sobre relações raciais no Brasil, parece fundamental compreender a trajetória de negros que teriam conseguido ascender através de ingresso no sistema formal de ensino superior.

Tomando como ponto de partida o aluno que chega à universidade tentar-se-á compreender o caminho que leva à escolha de determinado curso ou carreira, quais os valores que orientam seus projetos, analisar sua trajetória educacional, ao mesmo tempo em que avaliar as estratégias que desenvolveu para chegar até a universidade, quem participa de todo esse processo - se a família tem uma participação fundamental ou se a elaboração e execução desse projeto é mais pessoal.

Também será tratada com especial enfoque, como não poderia deixar de ser, a questão da construção de uma possível identidade racial por parte do grupo pesquisado, uma vez que trata-se de conceito extremamente complexo em sentido amplo, e ainda mais quando, tanto as pesquisas quanto o senso comum, costumam enfatizar a relação entre ascensão e perda da identidade negra. Nesse sentido buscar-se-á compreender como se classifica ou se identifica aquele negro que chega à universidade. Florestan Fernandes (1978) explorou bastante esta tema e para ele o que o negro nega quando ascende é o status social associado à negritude, e que isso seria uma estratégia bastante natural e previsível. Ainda segundo Theodoro (1987):

"nesse país o negro que estuda e que se forma, se afirma como pessoa, e frequentemente, acaba se negando como negro ... quando um negro ascende socialmente, ou consegue desenvolver algum tipo de trabalho, começam logo os problemas: enbranqueceu, é burguês, é de classe média, não se relaciona mais com os negros pobres, perdeu sua autenticidade ..."

Existem ainda alguns pressupostos teóricos que se pretende investigar. É notório nos trabalhos que trataram das desigualdades raciais no processo de mobilidade social (Oliveira, Porcaro e Araújo Costa, 1985; Hasenbalg, 1988) que quando se busca medir os níveis de desigualdade entre brancos e negros se chega à conclusão que a desigualdade é maior - ou seja, os diferenciais de mobilidade social entre os grupos de cor são mais elevados - justamente nos estratos ocupacionais superiores. O que vem de encontro a outros trabalhos que, também na mesma linha, têm apontado para desigualdades maiores em camadas mais privilegiadas da população - os que possuem mais renda - e nas regiões mais desenvolvidas do país - por ex. a região sudeste, Rio de Janeiro - São Paulo. ( ver a esse respeito Teixeira Pacheco, 1988; Porcaro, 1988; Valle Silva e Roditi, 1988).

Nesse sentido, procurar-se-á avaliar se existe ou não mais desigualdade nos cursos de maior status e prestígio social, por ex., e quais seriam, na percepção dos entrevistados, esses cursos, indagando-se como o preconceito e a discriminação raciais estariam sendo percebidos como fatores operando dentro da universidade, nos diferentes cursos e carreiras, influenciando ou não suas trajetórias.

Na análise de F. Fernandes o negro em ascensão constitui um segmento ainda isolado de seu meio, que irá impor-se ao sistema social vigente por estar implementando transformações que, de alguma forma, corrigem imperfeições de um capitalismo brasileiro tardio, e que um dia será estendido a todo o meio negro. A ênfase da análise de Fernandes é nos fatores psico-sociais que favoreceriam a ascensão do negro, o que acaba por tornar a questão numa decisão de caráter pessoal, individual. Diz ele:

... a integração à ordem social competitiva depende de certos pré-requisitos. O negro e o mulato precisam deixar de conceber-se, psicológica e socialmente, à luz da imagem do negro construída no passado recente. Ou fazem isso e disputam as oportunidades de classificação e de ascensão existentes, ou continuam à margem

do fluxo da vida social organizada e de seus proventos econômicos, políticos e morais ... O negro tem de decidir entre a exclusão consentida e a participação imposta. (1978:194)

Em que condições ele tem que decidir? E quais os fatores que interferem nesta ou naquela decisão? De forma sucinta, o que se pretende é avançar o estudo no sentido de aprofundá-lo a partir do ponto onde as pesquisas que até o momento têm sido feitas sobre o tema esgotam suas possibilidades de explicação, dadas as limitações de seu próprio referencial teórico-metodológico. Pois, por ex., como chama a atenção Barcelos (1992:55) em sua análise dos diferenciais de educação entre brancos e negros a partir de dados secundários:

"Menos alfabetizados, retidos em patamares educacionais mais baixos, poucos negros conseguem chegar à universidade. E tão poucos que sequer são suficientes para serem registrados no gráfico."

Nestes termos, o que se busca é dar maior visibilidade àqueles que não aparecem nos gráficos estatísticos.

## DA PESQUISA DE CAMPO

A pesquisa de campo teve início no segundo semestre de 1994 basicamente seguindo duas linhas de trabalho:

- um levantamento de caráter estatístico dos alunos matriculados nos diferentes cursos da Universidade, assim como dos professores por departamento, segundo características raciais;
- entrevistas abertas com parte do grupo acima levantado abordando os temas de interesse da pesquisa.

Para fazer o primeiro levantamento recorreu-se à ficha de matrícula dos alunos na Universidade, onde cada um foi identificado por características raciais a partir de fotografia. Ainda que bastante precário, este procedimento constitui-se na única fonte cadastral disponível para inferir, com grau de aproximação, alguma possibilidade de identificação racial afro-brasileira, própria ou atribuída.

Ainda assim, esses dados levantados através de fotografia 3X4 só puderam ser encontrados para os anos de 1992, 1994 e 1995 (ano em que encerramos este levantamento) uma vez que as fichas de matrícula são destruídas após microfilmagem, caso em que a pesquisa torna-se inviável porque as fotografias passam a ser vistas como negativos.

Uma vez que o objetivo principal da pesquisa era aprofundar o estudo sobre a população negra em sentido amplo, incluindo o debate sobre a identidade racial, optou-se por seguir uma linha de classificação que permitisse agregar o maior número possível de pessoas que pudessem ser negro-descendentes. De forma que, ainda que possa ser, como de fato é, bastante discutível, como é toda e qualquer classificação, foram utilizadas as categorias de cor oficiais do IBGE como base, acrescidas de uma terceira categoria, intermediária, com vistas à ampliação do debate. Uma das razões desse procedimento deveu-se às constantes críticas ao termo pardo, que acabaria por incluir pessoas de identidades raciais muitas vezes tão distintas. Que fique claro que as pretensões eram as de ampliar e não restringir o debate. Assim a classificação dos alunos deve ser entendida como um dos princípios possíveis de classificação, que tinha o intuito de dar início à discussão mapeando o grupo pesquisado por características raciais baseadas, sobretudo, na cor das pessoas. Nesse sentido ela segue basicamente uma linha que separa aquelas que possuem uma margem considerada menor de manipulação de identidade racial, que seriam aquelas pessoas consideradas brancas ou negras (pretas), das que normalmente poderiam ser consideradas mestiças, e que o IBGE classifica como pardas, e que nós, para ampliar a discussão, como já foi dito, resolvemos dividir (excluída de qualquer conotação política) em duas categorias - mulatos e pardos - seguindo um critério de gradação de cor, em que os primeiros seriam mais escuros ou os segundos mais claros dentro desse grupo intermediário (mestiços). De forma que pardo seria o indivíduo com maior facilidade de assumir ou ser identificado como branco do que o mulato, que estaria mais próximo do negro, segundo os critérios adotados.

Com relação à pesquisa dos professores, adotou-se um outro procedimento: através de uma listagem nominal de todos os professores por departamento, procurou-se identificá-lo racialmente mediante informação de um funcionário do referido departamento. Essa opção justifica-se pelo fato do número de professores ser mais

reduzido que o de alunos, por um lado; por outro, pela maior confiabilidade do dado obtido pessoalmente (ao invés de trabalhar com a fotografia) através de alguém que conhece e trabalha com a pessoa em questão; além de um critério puramente operacional, que se refere à maior facilidade de consulta a um funcionário que aos livros de cadastro dos professores. Por outro lado, esse tipo de critério de informação só poderia ser possível mesmo para os professores e não para os alunos, por seu contato mais permanente com a universidade. Ou seja, é mais fácil um funcionário lembrar as características físicas de um professor do que as de um aluno do curso. Esse levantamento se encontra em fase de conclusão.

A última etapa da pesquisa - ainda em fase de análise - consistiu, então, em entrevistas pessoais com uma amostra relevante desse universo a fim de buscar os subsídios necessários para buscar respostas às questões levantadas.

notas

1 Essa discussão do sistema de ensino como seletivo e de exclusão é pertinente para outras categorias sociais como os pobres, onde se sabe, estaria majoritariamente representada a população de origem negra. O que se pretende demonstrar nesses estudos, ao que parece, é que a escola estaria sendo um lugar que reproduziria ambas as desigualdades - a de classe ou de origem social e a de raça ou origem étnica.

## BIBLIOGRAFIA

ANDREWS,G.R. - 1991 - "O protesto político negro em São Paulo - 1988-1988" Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 21

ANDREWS,G.R. - 1992 - "Desigualdade racial no Brasil e nos Estados Unidos" cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 22

AZEVEDO,T.de - 1955 - As Elites de Cor, Um Estudo de Ascensão Social. Brasileira, São Paulo, Cia. Editora Nacional.

- 1964 - Mestiçagem e Status no Brasil Sociologia, SP, 26 (4) : 519 - 40

BARBOSA,I.M.F. - 1983 - Socialização e Relações Raciais: um estudo de família negra em Campinas, FFLCH - USP

BARCELOS,L.C. - 1992 - "Educação: um quadro de desigualdades raciais" Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 23

BASTIDE,R. e FERNANDES,F. - 1959 - Brancos e Negros em São Paulo. São Paulo, Cia Editora Nacional

BOURDIEU,P. - 1992 - A Reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino, RJ, Francisco Alves.

BOWLES,S. - 1975 - "Unequal Education and The Reproduction of The Social Division of Labor" in: Coxon, A.P.M. and Jones, C.L. Social Mobility, Peguin Modern Sociology Readings

CASTRO,N.A. e GUIMARÃES,A.S.A. - 1993 - "Desigualdades raciais no mercado e nos locais de trabalho" Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 24

COSTA PINTO,L.A. - 1959 - O Negro no Rio de Janeiro, relações de raças numa sociedade em mudança. São Paulo, Cia. Editora Nacional.

DIAS,M.T.R. - 1980 - Desigualdades Sociais e Oportunidade Educacional; a produção do fracasso.

Dissertação de mestrado - IUPERJ

FERNANDES,F. - 1978 - A Integração do Negro na Sociedade de Classes. vol.2 Cap.II.2 " A ascensão social do negro e do mulato", editora Atica

FRAZIER,E.F. - 1979 - Black Bourgeoisie, Collier Books. N.Y. and Collier Mac Millan Publishes. London, 16ª edição. 1ª ed. 1957.

FRIGOTTO,G. - 1989 - A Produtividade da Escola Improdutiva: um (re) exame das relações entre Educação e Estrutura Econômico-Social Capitalista, SP, cortez editora e editora autores associados.

FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS - 1987 - "Raça Negra e Educação" Cadernos de Pesquisa nº 66, nov.

artigos:

CHAIA,W. - "Negro, Mercado de Trabalho e Educação na Grande São Paulo" p17-8

ROSEMBERG,F. - "Relações Raciais e Rendimento Escolar" p.19-23

HASENBALG,C. - "Desigualdades Sociais e Oportunidade Educacional" p. 24-26

THEODORO LOPES,H. - "Educação e Identidade" p.38-40

BORGES PEREIRA,J.B. - "A Criança Negra:Identidade Étnica e Socialização"p41-5

TEODORO.M.L. - "Identidade, Cultura e Educação" p.46-50

MADEIRA,F.-"Análise de Dados e do Sistema Escolar" in:DEBATE(varios) p. 30-35

HASENBALG,C.A. - 1979 - "Mobilidade Social Desigualdade de Oportunidades e Raça" in: Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil , Graal. cap.VII

HASENBALG,C.A. e VALLE SILVA,N.DO - 1988 - Estrutura Social, Mobilidade e Raça, Edições Vértice artigos:

HASENBALG - ""Raça e Mobilidade Social" p.164-182

VALLE SILVA e RODITI - " Et Plus Ça Change ..." p. 95-114

HASENBALG,C.A. E VALLE SILVA,N.do - 1991 - ""Raça e Oportunidades Educacionais no Brasil" in (vários autores) Desigualdades Racial no Brasil Contemporâneo. CEDEPLAR/FACE/UFMG.

LOVELL,P.A. - 1992 - "Raça, classe, gênero e discriminação salarial no Brasil" Cardernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 22

MAUÉS,M.A.M. - 1991 - "Da 'branca senhora' ao 'negro herói': a trajetória de um discurso racial' Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 21

OLIVEIRA,L.E.; PORCARO,R. e ARAÚJO COSTA,T.C.N. - 1985 - O Lugar do Negro na Força de Trabalho. FIBGE

PAHIM PINTO, R. - 1992 - Raça e Educação: uma articulação Incipiente Cadernos de Pesquisa, SP, n.80, p.41-50, FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS.

PASTORE,J. - 1978 - "Recursos Humanos e Ensino Superior", Ensaios Econômicos nº10 p.29-48 série IPE - Monografias.

PORCARO,R.M. - 1988 - "Desigualdade Racial e Segmentação do Mercado de Trabalho" Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 15.

PORCARO, R. e ARAÚJO, T.C.N. - 1988 - Mudanças na Divisão Social do Trabalho e (Re)produção da Desigualdade Racial, São Paulo em Perspectiva vol 2, n.2, Fund.SEADE.

TEIXEIRA PACHECO,M.D.P. - 1988 - "As Desigualdades Raciais em dois tipos de famílias" Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 16.

1986 - Família e Identidade Racial: a questão da cor nas relações e representações de um grupo de baixa renda, dissertação de mestrado, PPGAS/UF RJ.

1983 - Agüentando a Barra Cadernos Cândido Mendes, Estudos Afro-Asiáticos 13.

VELHO, G. - 1994 - Projeto e Metamorfose, RJ, Jorge Zahar Editor

1981 - Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea, RJ, Zahar.

WOOD, C.H. e CARVALHO, J.A.M. de - 1994 - A Demografia da Desigualdade no Brasil, Série PNPE/IPEA 27, RJ.

XXI Encontro Anual da ANPOCS